

Informação, Conhecimento e valor: alguns esclarecimentos epistemológicos necessários.

Alain Herscovici *

RESUMO

O objetivo deste artigo consiste a fornecer elementos para construir problemáticas relevantes no que diz respeito às novas formas de produção e de apropriação do valor, na fase atual do capitalismo dito “informacional”. Esta construção será elaborada a partir de uma análise crítica do texto de Marcos Dantas “Informação, Conhecimento e Valor. Um diálogo com Ruy Sardinha Lopes”.

Palavras chaves: Informação- Valor trabalho. Redes eletrônicas- Mercadoria.

ABSTRACT

Information, Knowledge and value: some necessary epistemological elements

The purpose of this paper consists in studying the pertinent problematic linked with the new forms of production and appropriation of the value, in the “informational” capitalism. This will be made from a critical analysis of Marco Dantas’ paper “Informação, Conhecimento e Valor. Um diálogo com Ruy Sardinha Lopes”(Information, Knowledge and Value. A dialogue with Ruy Sardinha Lopes)

Key words: Information – Labor value – Networks –Commodities.

* Doutor em Economia pelas Universidades de Paris I Panthéon-Sorbonne e de Amiens, Coordenador do Grupo de Estudo em Macroeconomia (GREM) e do Grupo de Estudo em Economia da Cultura, da Comunicação, da Informação e do Conhecimento (GECICC) Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGEco) da UFES, Professor e Coordenador do PPGEco, Sócio fundador da Associação Latina de Economia Política de la Información, Cultura y Comunicación (ULEP-ICC) e pesquisador do CNPq (e-mail: alhersco.vix@terra.com.br).

RESUMO

Información, conocimiento y valor: algunas aclaraciones epistemológicas necesarias.

El objetivo de este documento es proporcionar elementos para construir las problemáticas pertinentes en relación con las nuevas formas de producción y apropiación del valor en la fase actual del capitalismo denominada "informacional". Esta construcción se obtuvieron de un análisis crítico del texto de Marcos Dantas "Información, conocimiento y valor. Un diálogo con Sardina Ruy Lopes"

Palabras clave: Información-Valor trabajo. Redes electrónicas - Mercancías.

INTRODUÇÃO

O presente texto propõe-se a explicitar e a definir as problemáticas relevantes no que diz respeito à relação que existe entre a Informação, o Conhecimento e a criação do valor econômico. Esta discussão será feita no âmbito de uma abordagem marxiana, ou seja, de uma abordagem ligada à teoria do valor trabalho; por outro lado, o ponto de partida é constituído pelo texto de Marcos Dantas "Informação, Conhecimento e valor. Um diálogo com Ruy Sardinha Lopes"¹.

É preciso ressaltar a importância deste debate:

i) Para vários autores, a informação e o conhecimento constituem as novas fontes do valor, no âmbito da "nova economia" (Castells, 1988); no entanto, não tem uma análise

¹ Texto apresentado no XVIII Encontro Nacional da COMPÓS, GT Economia Política e Políticas de Comunicação Belo Horizonte/MG, 2009.

aprofundada dos mecanismos econômicos que permitem sustentar esta tese. Propõe-me a fornecer elementos para estudar tais mecanismos.

ii) Por outro lado, uma série de discursos de cunho antropológico ou sociológico afirma que esta economia do conhecimento constitui uma superação do capitalismo, pelo fato de todos os cidadãos terem acesso à Informação e ao conhecimento ².

São duas abordagens possíveis: a primeira afirma que o sistema evolui para uma forma de democracia digital e de socialismo. Neste caso, a própria lei do valor deixou de vigorar. A segunda abordagem, ao contrário, mostra que o sistema continua sendo capitalista, mas que as modalidades de criação e de apropriação social do valor se modificaram, com o desenvolvimento de todas as formas de capital intangível; trata-se de estudar essas novas modalidades. O debate que pretendo iniciar se relaciona, obviamente, com esta segunda problemática.

Numa primeira parte, partindo do texto de Dantas, farei algumas observações gerais relativas à definição das problemáticas relevantes; numa segunda parte, analisarei mais especificamente alguns pontos levantados neste mesmo texto. Finalmente, numa terceira parte, fornecerei elementos para elaborar uma agenda de pesquisa construída a partir dessas problemáticas.

I) Observações gerais

1) Algumas questões epistemológicas

No que diz respeito às observações epistemológicas, não entendo o que Dantas define como metodologia monista (op. cit., p.4). A “identidade sujeito-objeto” (Idem) significa que a própria definição do objeto de estudo depende de uma série de variáveis sociais e históricas? Neste caso, autores como Tomas Kuhn e Pierre Bourdieu, por exemplo, já formularam este tipo de conclusões.

² É a tese de Antonio Negri, com o conceito de comuns.

Por outro lado, não vejo porque o fato de utilizar determinadas categorias analíticas como conhecimento tácito/codificado seria incompatível com a metodologia marxiana: o conhecimento tácito corresponde ao conceito de trabalho vivo, e o conhecimento codificado àquele de trabalho “morto”. O valor é criado a partir do momento que o trabalho vivo põe em movimento, segundo as palavras de Marx, uma determinada quantidade de capital: no âmbito da economia da informação, isto significa que apenas o conhecimento tácito aplicado ao conhecimento codificado cria valor³.

Finalmente, não entendo porque a análise de Lopes (2008) é comparada com a análise de Negri: para este último, o capitalismo cognitivo constitui uma superação do capitalismo, à medida que as modalidades de apropriação da informação e do conhecimento seriam intrinsecamente sociais (programas livres, creative commons, etc.), o que se concretiza no “comum”: nem Bolaño nem Lopes formulam este tipo de conclusões.

2) Entropia e Economia

Os mecanismos ligados à entropia e à neguentropia são utilizados sem definir previamente esses diferentes conceitos, o que torna de difícil compreensão a argumentação do autor. Trabalhos fundamentais como o livro de Georgescu-Roegen⁴ poderiam ser utilizados e permitiriam esclarecer o debate.

Esses conceitos foram amplamente utilizados na Ciência Econômica: a partir do estudo dos sistemas complexos, uma série de modelos foram elaborados para ressaltar a instabilidade estrutural do sistema; a este respeito, a análise que Vercelli (1985) faz de Marx, de Keynes e de Schumpeter, é de primeira importância para este debate.

3) Valor e Informação

³ Para uma formalização deste argumento, ver Herscovici A., Bolaño C. (2005).

⁴ Georgescu-Roegen, Nicholas *The Entropy Law and the Economic Process*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1971.

Se, conforme afirma o autor, a informação está ligada à esfera da circulação, ou seja, às atividades que se relacionam com a realização das mercadorias (Dantas, 2009, p. 21), e se o trabalho vivo permite “pôr em forma o trabalho morto”, é preciso reconsiderar as modalidades de criação de valor no capitalismo atual, e rediscutir o próprio conceito de mercadoria, da maneira como este é definido por Marx ⁵. Será que o autor vai nesta direção quando ele afirma que “não podemos mais falar de mercadoria, pois já não se trata mais de *troca de equivalentes*, mas de obtenção, por quem necessita e *pode pagar*, de uma *licença*” (Idem, p. 27)?

II) Valor e Informação: a análise de Dantas

1) Informação e Ciência Econômica: o estado da arte

Contrariamente ao que afirma o autor (p. 6), os diferentes economistas que trabalharam a respeito da economia da informação não assimilam esta informação “à notícia, ou ao evento que realmente aconteceu”. À partir do final dos anos 60, o debate relativo à natureza da informação é fundamental na Ciência Econômica; já que o sistema walrasiano de concorrência pura e perfeita não permite explicar a realidade econômica, os economistas começaram a estudar as diferentes “imperfeições” relativas ao sistema de preços e ao tipo de informação que ele permite divulgar.

i) Economistas do *mainstream* estudaram igualmente as diferentes formas de imperfeições da informação: Milton Friedman, Kenneth Arrow, Lucas, Sargent e Wallace, entre outros.

A problemática central consiste em estudar em que medida o sistema de preços permite divulgar as informações necessárias ao funcionamento dos mercados, e quais são as implicações das diferentes falhas deste sistema de preços. A este respeito, é interessante observar que mesmo economistas neoclássicos como Varian (2003) reconhecem que

⁵ A este respeito, ver Herscovici Alain (2008).

determinados mercados (os mercados ligados à internet) não podem mais ser analisados a partir do instrumental neoclássico walrasiano.

Os trabalhos pioneiros de Arrow (1962) mostram claramente que os bens e serviços ligados à Informação e ao Conhecimento são bens específicos: eles produzem externalidades positivas para os outros agentes, e os produtores não podem controlar todas suas modalidades de apropriação (a retro-engenharia).

ii) Os trabalhos de Stiglitz e de Akerlof ressaltam os limites informacionais do sistema de preços, e o fato que, em função da natureza dos bens e dos comportamentos dos agentes, os mercados não são eficientes. Essas análises estudam as implicações ligadas à existência de assimetrias de informação e mostram que, na maior parte dos casos, os mercados não são eficientes.

Essas assimetrias da informação podem ser explicadas a partir da natureza dos bens: quando trata-se de bens de experiência (*experience goods*), por natureza, o sistema de preços não tem condições de divulgar as informações relativas às características qualitativas desses bens. Neste caso, os componentes não mercantis permitem compensar as falhas do sistema de preços: clubes, comunidades *on line*, redes *peer to peer*, etc...

O caráter de bem público favorece o aparecimento e o desenvolvimento dos comportamentos oportunistas: os comportamentos de *free-rider*, por exemplo, ressaltam o fato que não é possível construir um sistema de Direitos de Propriedade eficiente, nem prever as diferentes situações de mercado; neste caso, a atividade econômica se caracteriza por uma incerteza forte, e o universo não é ergódico (Saussier, Yvrande Billon, 2007).

iii) Outras análises ligadas a uma problemática marxista e clássica ressaltam a ineficiência do sistema de preços no que diz respeito à estabilidade do sistema (Sergeev, 2003, Steedman, 1984). Neste caso, a instabilidade do sistema pode ser assimilada à segunda lei da termodinâmica, na qual a entropia é crescente (Herscovici, 2005).

2) *Economia de redes, utilidade social e valor*

É igualmente importante ressaltar o fato que hoje, a maior parte da informação e do conhecimento é produzida no âmbito de sistemas estruturados em redes, mais especificamente em redes eletrônicas.

A economia das redes apresenta certas especificidades, no que diz respeito à natureza dos bens, à dinâmica dos mercados e às modalidades de financiamento:

i) Os bens e serviços distribuídos na rede são, pelo menos parcialmente, bens públicos: como tais, eles geram externalidades e a indivisibilidade caracteriza suas modalidades de consumo. O paradoxo é o seguinte: bens públicos ou semi-públicos são produzidos e apropriados no âmbito de uma lógica de mercado (Herscovici, 2009).

Por outro lado, a criação de uma rede se caracteriza por uma zona de déficit intrínseco; este déficit permite criar a utilidade social do serviço. Por utilidade social, entende-se um número mínimo de usuários a partir do qual o serviço apresenta uma certa utilidade para cada consumidor. Uma vez alcançado um número mínimo de usuários/consumidores, a rede pode rentabilizar sua atividade valorizando as diferentes modalidades de acesso aos usuários.

Assim, não existe uma correlação positiva entre os custos e as receitas: na zona de déficit, os preços são inferiores aos custos, e na zona de rentabilidade, os preços são superiores aos custos.

Sem entrar nos detalhes técnicos da análise econômica, é preciso ressaltar as seguintes implicações:

i) A concorrência se implementa fora dos preços, e os preços não constituem um regulador desses mercados. Em outros termos, existe uma desconexão entre as receitas (os preços) e os custos, notadamente os custos em trabalho.

ii) O sistema complexo de Direitos de Propriedade Intelectual permite a apropriação privada de informações e de conhecimentos produzidos coletivamente, e a principal

fonte de financiamento consiste em valorizar as modalidades de acesso aos usuários que constituem essas redes.

Neste sentido, o valor econômico provém da criação desses efeitos de rede, da *utilidade social* que lhe é ligada e das modalidades de controle de acesso à rede; Google representa o melhor exemplo desta estratégia.

Isto não significa que o trabalho deixa de ser a fonte de criação do valor; não obstante, as modalidades de apropriação privada do produto deste trabalho não estão mais ligadas à mercadoria, da maneira como ela foi definida por Marx: (a) o consumo é essencialmente coletivo, em função da utilidade social e não se trata-mais de mercadorias apropriadas individualmente (b) conseqüentemente, as formas de “exploração” não se traduzem pela existência da uma mais-valia, mas pela existência de sistemas complexas de Direitos de Propriedade Intelectual privados.

Em resumo, em função desses elementos, é possível afirmar que a apresentação que Dantas faz da Economia da Informação é limitada e parcial, tanto em relação às análises “dominantes” quanto às análises marxianas.

III) Propostas para uma agenda de pesquisa

1) Valor e produção intangível: uma primeira abordagem

O autor ignora todo uma série de debates de cunho marxiano, debates esses que permitem situar e posicionar a obra de Ruy Sardinha Lopes, por exemplo, o debate iniciado na França, em 2003, sobre a direção de Carlo Vercellone (2003): a partir da contribuição de vários economistas “heterodoxos”, coloca-se o problema das modificações das modalidades de criação do valor no capitalismo atual. Este debate se

prorrogou com uma nova publicação na qual contribuições de economistas, sociólogos e comunicólogos estudam esta temática ⁶.

No âmbito de uma problemática ligada ao valor trabalho, e mais especificamente à teoria do valor de Marx, trata-se de ver segundo que modalidades históricas a fase atual do capitalismo pode ser pensada como uma manifestação dos limites da forma mercadoria, segundo os termos de Marx.

Neste caso, a quantidade direta e indireta de trabalho abstrato não permite mais explicar as modalidades concretas de valorização dos diferentes bens e serviços, e com a exacerbação do sistema de Direitos de Propriedade Intelectual, o preço não se relaciona mais com essas quantidades de trabalho.

2) Rumo a um capitalismo “imaterial” ?

O próprio debate que eu mantém com Bolaño é totalmente ignorado⁷. À medida que a valorização econômica se implementa independentemente das quantidades de trabalho social, é possível afirmar que a fase atual se caracteriza pelo seguinte paradoxo: *está tendo uma extensão da lógica de mercado, mas este movimento se implementa fora a forma mercadoria.*

O problema é o seguinte: será que a mercadoria, no sentido definido por Marx, é uma característica intrínseca do capitalismo? Em outras palavras, será que o capitalismo não pode se desenvolver fora da forma mercadoria?

No caso de uma resposta afirmativa, uma série de bens que são “negociados” no mercado não são mercadorias: os diferentes produtos culturais (Herscovici, 1995), e a maior parte dos ativos intangíveis ligados à produção de conhecimento. Numa perspectiva braudeliana, é perfeitamente possível sustentar esta tese, mostrando que o capitalismo não é intrinsecamente industrial.

⁶ *Critiques de la Société de l'Information*, sous la direction d'Eric GEORGE et Fabien GRANJON, L'Harmattan, Paris 2008.

⁷ Ver, a este respeito, Bolaño César (2000).

As categorias construídas por Braudel (1979) permitem distinguir três níveis:

- (a) A vida material ligada ao valor de uso
- (b) O mercado, como espaço concorrencial e “transparente”
- (c) A super-estrutura capitalista que se caracteriza pelas assimetrias da informação, pelas estruturas monopolistas e oligopolistas, pelas dimensões especulativas, internacionais e financeiras.

Em relação a essas categorias analíticas, surge o seguinte questionamento: na fase que corresponde à acumulação primitiva, o capitalismo investiu o terceiro nível. Ele tornou-se industrial a partir do século XIX, até a metade dos anos 60. Hoje, no âmbito desta fase imaterial, os componentes internacionais, especulativos e financeiras voltaram a ser predominantes.

Conclusão

O texto de Dantas aborda parcialmente as problemáticas que me parecem ser essenciais para estudar as novas formas do capitalismo imaterial: não obstante, apesar de certas argumentações pouco claras, para mim, ele tem o mérito de ressaltar um ponto importante deste debate: o problema da determinação do valor.

Finalmente, quero comentar a seguinte afirmação de Braudel (op. cit., p. 262): “A economia de mercado pode ser destruída por baixo ou por cima, em economias atrasadas ou muito avançadas”.

A economia da informação e do conhecimento é o objeto deste duplo movimento: por um lado, o desenvolvimento das formas não mercantis (Comunidades on line, clubes, programas livres, etc.) representa um elemento importante para a manutenção da super-estrutura capitalista. Por outro lado, os mercados reais, por natureza, não são mercados concorrenciais.

A lógica do capital se estende para o conjunto das atividades sociais, mas esta extensão se realiza fora a forma mercadoria, e fora os mecanismos concorrenciais. É preciso observar que, teórica e historicamente, o desenvolvimento das instituições sempre foi necessário para o desenvolvimento do capitalismo; não obstante, é preciso limitar este desenvolvimento.

A economia dos bens intangíveis é o objeto deste movimento dialético: ela é o fruto de lógicas capitalistas exacerbadas e, ao mesmo tempo, de lógicas não mercantis ligadas à formação de clubes e de comunidade que funcionam a partir de formas de propriedade coletiva e “solidárias”. As modalidades de criação e de apropriação do valor se explicam a partir dessas formas híbridas que combinam elementos aparentemente contraditórios.

Bibliografia

Arrow Kenneth J., 1962, Economic Welfare and the Allocation of Resources for Invention, in *The Rate and Direction of Inventive activities: Economic and Social Factors*, Princeton University Press, pp.609-26.

Bolaño César, 2000, *Indústria cultural, informação e capitalismo*, Huvitec, São Paulo.

Braudel, Fernand, 1979, *Civilisation matérielle, économie et capitalisme XV^e-XVIII^{ème} siècle*. 2. Les jeux de l'échange, Armand Colin, Paris.

Castells, Manuel, 1988, *La société en réseaux*, Fayard, Paris.

Georgescu-Roegen, Nicholas *The Entropy Law and the Economic Process*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1971.

Herscovici A., Bolaño C. (2005), *A Crítica da Economia Política da Informação e do Conhecimento*, texte présenté au X Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Política, Campinas.

Herscovici Alain, 1995, *Economia da Cultura e da Comunicação*, Fundação Ceciliano Abel de Almeida/UFES, Vitória.

-----, 2005, Historicidade, entropia e não-linearidade: algumas aplicações possíveis na ciência econômica. *Revista de Economia Política*, v. 25, n. 3 (99), jul./set. 2005.

-----, 2008, Production immatérielle, travail et valeur. Éléments pour une analyse de l'économie de la connaissance, in *Critiques de la Société de l'Information*, sous la direction d'Eric GEORGE et Fabien GRANJON, L'Harmattan, Paris 2008.

-----, 2009, Contribuições e limites das análises da escola francesa, à luz do estudo da economia digital. Uma releitura do debate dos anos 80, *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación* www.eptic.com.br, vol. XI, n. 1, enero – abril / 2009.

Lopes, Ruy S. . *Informação, Conhecimento e Valor*. 01. ed. São Paulo: Radical Livros, 2008. v. 01. 211 p.

Saussier Stéphane, Anne Yvrande-Billon, 2007, *Économie des coûts de transaction*, La Découverte, Paris.

Seergev Victor, 2003, *The thermodynamic approach to the market equilibrium*,
acessado no site [www.santafe.edu/sfi/publications/ Working-Papers./03-04-027](http://www.santafe.edu/sfi/publications/Working-Papers./03-04-027), em 1
de julho de 2004.

Steedman, Ian , 1984, "Natural prices, different profit rates and the classical competitive
process", in *The Manchester School of Economics and Social Sciences*, v.2.

Varian, H.R. , 2003, *Economics of Information Technology*, March 2003, sem editor.

Vercellone C. (dir.) *Sommes-nous sortis du capitalisme industriel ?*, La Dispute, Paris,
2003.